

Classes sufixais em inglês e em português: fundamentos e repercussões

Graça Rio-Torto
gracart@gmail.com

Universidade de Coimbra, Celga (Portugal)

RESUMO. Analisam-se neste trabalho os critérios que presidem à dicotomia de sufixos de Classe I e II do inglês, descrevem-se os “dual membership suffixes”, e explora-se em que medida existe ou não um paralelismo — também de critérios — aplicável a uma língua românica de expressão pluricontinental como o português. Para tal são convocadas propriedades de natureza etimológica, morfológica, acentual e rítmica dos sufixos, das bases e dos produtos.

PALAVRAS-CHAVE. sufixo, derivação, morfologia, Português, Inglês.

ABSTRACT. “Dual membership suffixes” represent a crucial structuring framework of English morphology with undeniable consequences within language’s lexical processment. This text aims to analyse some of the major results of recent research carried out on the criteria underlying this dichotomy, and to discuss if they can be applied to Portuguese suffixes, and under what conditions. Morphological and prosodic properties are convoked, as well as other idiosyncratic features of the suffixes and of the bases that are (pycho)linguistically relevant when they are selected by native Portuguese speakers.

KEY-WORDS. suffix, derivation, morphology, Portuguese, English.

1– Introdução

A tipologia das classes afixais de uma língua desempenha um papel fundamental não apenas na organização da morfologia e do léxico da mesma, mas também no modo como se dá o processamento lexical desta, especialmente no que diz respeito às suas palavras morfológicamente complexas, construídas ou importadas.

Tem já mais de quarenta anos a reflexão produzida sobre tipologia das classes afixais centrada na língua inglesa, nela avultando os trabalhos seminais de Chomsky & Halle (1968) e de Siegel (1974). A indagação levada a cabo por estes estudiosos conduziu a uma diferenciação de duas grandes classes de afixos (afixos de Classe I e afixos de Classe II), internacionalmente (re)conhecida, e subsequentemente aprimorada por numerosos estudos de especialidade. Na ausência de um trabalho congénere aplicado à realidade portuguesa, e dadas as suas múltiplas implicações, teóricas e aplicadas, é essa a reflexão que aqui nos propomos fazer.

A mencionada dicotomia tem servido de referência a muitos trabalhos levados a cabo não apenas no âmbito da análise linguística, mas também em áreas de interface da(s) ciência(s) da linguagem com as ciências da cognição e da saúde, e muito em particular no âmbito da psicolinguística, da neurolinguística e do processamento da linguagem. Por exemplo, a bateria de testes conhecida por *PAL: Psycholinguistic Assessment of Language* (Caplan 1992) escuda-se na dicotomia acima mencionada, e inspirado nela foi construído, num projecto da Universidade de Coimbra intitulado *PAL-PORT* (Festas et al., 2006) ¹, um conjunto de provas de avaliação psicolinguística centradas no *modus operandi* do processamento morfológico e lexical do português, e que permitirão aferir a eficácia das premissas linguísticas adoptadas.

A arquitectura deste estudo é a seguinte: na secção 2. propomos descrever os fundamentos — e os desenvolvimentos críticos — da dicotomia tipológica proposta para a língua inglesa por Chomsky & Halle (1968) e por Siegel (1974). A secção 3. é consagrada à análise dos critérios que poderão ser seleccionados em vista à adaptação

¹ Trata-se do projecto “Avaliação psicolinguística fina de afasias e outras perturbações da linguagem: uma bateria integrativa de medidas em tempo diferido e em tempo real” (RIPD/PSI/63557/2005) coordenado pela Prof. Doutora Maria Isabel Festas da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. A elaboração dos testes sobre processamento de palavras em português esteve a cargo da Prof. Doutora Cristina Martins, da Faculdade de Letras. A estas duas colegas o meu agradecimento pela possibilidade de me terem integrado como consultora neste projecto e de posteriormente me permitirem colaborar activamente no mesmo. A reflexão que aqui se expende, se bem que partilhada (Martins et al, 2010), ancora-se no trabalho de pesquisa que venho empreendendo sobre tipologia de classes afixais do português, por comparação com a de outras línguas. Por isso os erros de interpretação ou de análise a mim são exclusivamente devidos.

à língua portuguesa da mencionada tipologia. Uma secção 4., de conclusões, reflecte sobre as vicissitudes e sobre as potencialidades que as soluções alvitradas apresentam.

2 – Classes de sufixos em inglês

2.1 – Abordagem dualista

Remonta a Chomsky & Halle (1968) e, poucos anos depois, a uma discípula do primeiro, Dorothy Siegel (1974), uma das descrições mais representativas da tipologia de classes afixais da língua inglesa.

Nestes trabalhos distinguem-se duas grandes classes de sufixos: sufixos de Classe I e sufixos de Classe II.

. Sufixos de Classe I

Inscrevem-se nesta classe sufixos portadores de acento e que também provocam uma deslocação para a direita do acento da base com que se combinam ((1): ´precede a sílaba acentuada):

(1)a: e´licit, elici´tation (1)b: ´modest, modes´ty (1)c: re´coverable, recovers´bility

(1)d: ´supervise, super´vision (1)e: ´telegraph, te´legraphy (1)f: ´unit, u´nitary

Os sufixos de Classe I desencadeiam alterações acentuais relativamente à base, tendo capacidade de formatar novos domínios acentuais. São sufixos deste tipo *-al* adjectivalizador, *-ant*, *-ate*, *-ic*, *-ion*, *-ity*, *-ous*, *-y* (Chomsky e Halle 1968: 71-91), e *-ation*, *-able*, *-ity* e o nominalizador *-y* (Siegel 1974: 112).

Estes sufixos são introduzidos pela fronteira + e combinam-se com palavras e com “stems”². Os exemplos seguintes (Quadro 1), retirados de Siegel (1974: 151-152), ilustram estas características.

² O conceito de *stem* é assim descrito por Aronoff (1972: 125): «For any word containing an isolatable affix, the part of the word which consists of the whole word minus the affix in question is termed the *stem*».

Quadro 1. Palavras portadoras de sufixos de Classe I (Siegel 1974)

Sufixos Classe I	[# [#word] [+suf] #]	[# [stem] [+suf] #]
-able	recoverable	
-al	musical	royal, penal, vocal
-ate	pusalte, pollinate	vacate, violate
-ation	action, elicitation, limitation	
-ic	Icelandic, metallic, totemic	
-ify	acidify, purify, simplify, solidify	
-ion	correction	
-ition	exhibition	friction, nutrition
-ity	legality, profanity	probity
-ize	ionize, liquidize	
-ory	adulatory, supervisory	
-ous	advantageous	
-y (nominalizador)	democracy, presidency	

Os dados empíricos apresentados suscitariam uma longa reflexão, que não vamos aqui expender, sobre a natureza construída (ou não), na língua inglesa, dos mesmos. Muito provavelmente, muitas destas palavras de origem não anglo-saxónica, mas latina, e sentidas como eruditas, foram herdadas do latim e/ou introduzidas na língua (medieval) por via ou por influência francesa (Bilyska 2007), pelo que não terão sido construídas na língua sob escopo. Tal não invalida que elas sejam decomponíveis nas suas bases e nos afixos que com estas se acoplam. Mas não será linear, a menos que se tenham em conta tais considerações, que um falante comum consiga identificar as bases de *royal*, *penal*, *vocal*, *friction*, *nutrition*. Aliás, a consideração destes dados genéticos e decisivos na (e para a) história da língua inglesa, fundamenta a percepção mais holística e menos decomposicional de algumas destas palavras, corroborada por estudos recentes (Cho 2007). A este assunto voltaremos adiante (2.2).

. Sufixos de Classe II

Os sufixos de Classe II são introduzidos por fronteira # e não desempenham qualquer papel na atribuição do acento, pelo que são neutros quanto a tal aspecto (*stress neutral*). Nesta Classe se incluem o nominalizador *-al* (*betrayal*, *dismissal*, *dispersal*, *disposal*, *rehearsal*, *reversal*, *survival*), *-less*, *-ly*, *-ness*, e o adjetivalizador *-y*. Acoplam-se a palavras, e não a radicais ou a temas (cf. Quadro 2).

Quadro 2. Palavras portadoras de sufixos de Classe II

Sufixos Classe II	[#[#word#][#suf] #]
-al (nominalizador)	arrival, dismissal, refusal
-ful	peaceful
-less	homeless
-ly	heavily
-ment	inducement
-ness	kindness, hapiness
-some	guesome, fulsome
-y (adjectivalizador)	elementary

A estes podem acrescentar-se *-hood* (com´poundhood), *-ing* (´charming), *-ish* (´stylish), *-let* (´booklet), *-wise* (´otherwise).

Em inglês, a afixação de Classe I precede a afixação de Classe II, pois as regras de atribuição de acento nesta língua assim o determinam. Estes afixos de Classe II situam-se, pois, na periferia direita daqueles, sendo sujeitos, eventualmente, a posterior acoplagem por parte destes. Esta ordenação (ou sequenciação derivacional) será conhecida por “Affix Ordering Generalization” (Siegel 1974, Selkirk 1982).

Sumariando, as características das duas classes de afixos são as seguintes:

Classe I

(i). Natureza da base: bases com fronteira de + ou de # (horizont# al; legal# ity)

(ii). Propriedades prosódicas: produzem alterações prosódicas na base

(iii). Propriedades morfolácticas: permitem que, à sua direita, ocorram sufixos de Classe II ([#[#receptive#][#ness] #]), mas também de Classe I (*confidentiality*), nomeadamente quando a base já não é necessariamente sentida como derivada (*globality, ornamental*).

Classe II:

(i). Natureza da base: bases com fronteira de #

(ii). Propriedades prosódicas: não produzem alterações prosódicas na base

(iii). Propriedades morfotácticas: não permitem que, à sua direita, ocorram sufixos de Classe II (*nessity, *nessous, *lessity, *yty), mas admitem a possibilidade de se combinarem com sufixos de Classe I (*inducemental, inducementist*).

Porque os sufixos de Classe I e de Classe II podem seleccionar como bases “palavras”, a natureza morfológica da base não assume carácter inequivocamente diferenciador. Como veremos, são essencialmente as propriedades de natureza acentual que os distinguem.

A origem das bases também não se afigura suficientemente forte para sustentar a dicotomia entre tais classes. Muitos dos produtos portadores de sufixos de Classe I têm origem latina (*alternative, determinative, receptive*), mas muitos outros tomam por base palavras do inglês, como *icelandic, luggage, narrowly*.

A origem do sufixo também não desempenha necessariamente um papel decisivo na sua classe tipológica. Repare-se que um sufixo não latino como *-en* se inscreve na Classe I (*dark, darken*) de operadores afixais.

O carácter simples ou complexo das bases também não é relevante para a distinção das duas classes, pois em ambos os casos as bases podem ser simples (*action, crudity, arrival, kindness, peacefull*) ou derivadas (*balsamical, confidentiality, horizontality, nutritionist, receptiveness*).

As propriedades de natureza prosódica, em complemento com as morfotácticas, revelam-se, pois, as mais eficazes em termos de diferenciação tipológica. Todavia, um estudo mais minucioso dos dados empíricos aponta para a necessidade de afinar à luz de outros critérios a caracterização dos sufixos em apreço.

2.2 –Sufixos “Dual membership” em inglês

A distribuição dos sufixos de uma língua com substratos linguísticos tão distintos e, por isso, marcada por uma complexidade morfoléxica assinalável, dificilmente se compagina com uma dicotomia como a que Chomsky e Halle (1968) e Siegel (1974) propuseram. Melhor dizendo: será certamente demasiado forçado pretender que o vasto acervo de afijos da língua inglesa se reveja no carácter redutor

de uma antinomia, qualquer que ela seja. Esta dicotomia, se bem que útil e reflectora das duas classes afixais mais prototípicas da língua inglesa, não incorpora qualquer manifestação de escalaridade que explique alguns casos problemáticos que têm comportamento duplo ou que suscitam dúvidas quanto à sua integração inequívoca em um das duas classes propostas. E tenha-se em conta que é enorme a relevância de classes deste tipo, pois as propriedades em que elas assentam são propriedades estruturais dos afixos e, nesta medida, propriedades estruturantes da morfologia derivacional — e portanto também de todo o do léxico — da língua.

Como vários estudiosos posteriormente assinalaram, alguns dos afixos considerados até 1974 como de Classe I ou de Classe II revelam comportamentos menos unívocos.

Recorde-se que Chomsky e Halle (1968: 84-85) consideram os sufixos *-able*, *-hood*, *-ing*, *-ish*, *-like*, *-ly*, *-ness*, *-wise*, *-y* adjectivalizador como de Classe II, a que Kiparsky (1982: 132-133) acresce *-er*, *-ism*, *-ist*. Já como sufixos de Classe I, consideram-se *-al* adjectivalizador, *-ant*, *-ate*, *-ic*, *-ion*, *-ity*, *-ous*, *-y* (Chomsky e Halle 1968: 71-91).

Ora, estudos mais especializados em morfologia e em formação de palavras do inglês confirmam que alguns sufixos têm um comportamento bivalente. Já, aliás, Aronoff (1972) e Selkirk (1982) assinalam a bivalência comportamental e tipológica de alguns afixos do inglês.

Em concreto, Aronoff (1976: 120-124) menciona a existência de *+able* (*´refutable*, *´preferable*, *´disputable*) e de *#able* (*re´futable*, *pre´ferable*, *dis´putable*), e a possibilidade de *-al* adjectivalizador (*govern#ment+al*), de *-ation* (*standard#ize+ation*) e de *-ity* (*analyze#abil+ity*) desencadearem alteração acentual no produto relativamente à base (1976: 84), comportando-se não apenas como sufixos de tipo I, mas também de tipo II.

Os adjectivos em *-al* poderiam ter sido objecto de um tratamento mais elaborado, na medida em que Aronoff reconhece que a (im)possibilidade de combinatória de *-al* com nomes deverbais em *-ment* se prende com a natureza morfológica destes, nomeadamente com a existência ou não de verbos autónomos. Efectivamente, *-al* só se anexa a bases em *-ment* das quais não existe o respectivo verbo autónomo (*ornament*, *orna_v, *ornamental*; *fragment*, *frag_v, *fragmental*).

Se a base é derivada deverbal (*employ, employment, *employmental*), a sufixação em *-al* não é possível. Nos casos de tipo *fragmental* ou *ornamental* trata-se de formas importadas do latim, e por isso certamente mais propensas a uma percepção holística pelos falantes, na medida em que estes terão dificuldade em decompor morfológica-mente a respectiva base, a menos que conheçam a estrutura latina que lhes está subjacente. Também em casos de sucessividade derivacional do tipo *balsamical* fica comprometido o estatuto do sufixo *-al* adjectivalizador que, não alterando o acento da base, não se inscreve na Classe I de sufixos, à luz dos critérios invocados.

Também em relação aos adjectivos em *-able*, Aronoff avança uma explicação que se prende com o carácter composicional (morfológica e semanticamente considerados) ou não do todo, e o processamento lexical diferenciado que os falantes têm dessa realidade. Assim, se a base não é uma palavra autónoma, o sufixo é *+able* (*vulnerable, irrevocable, probable*). As bases de *#able* são palavras autónomas (*governable*). Em estreita correlação com a \pm autonomia da base opera a maior, menor ou não (de)composicionalidade semântica do todo. Quanto maior a autonomia, também semântica da base, maior a probabilidade de o produto ser semanticamente mais transparente, mais decomposicional. Segundo Aronoff, *comparable* (Y#able) significa 'susceptível de ser comparado a' e *'comparable* (X +able) significa 'equivalente a' (Aronoff 1976: 126-128). A idiomaticidade é tanto maior quanto menos transparente (e decomponível) é a estrutura interna do produto. A divergência semântica em relação à previsibilidade e composicionalidade do todo é menor se este for decomponível morfológica e semanticamente nas suas unidades constitutivas, ou seja, se o acesso e o reconhecimento da base e do afixo forem lineares.

Três ilações podemos extrair do exposto.

(i) Existe uma correlação entre composicionalidade — morfológica e semântica — e classe tipológica do afixo envolvido.

(ii) Existe uma correlação antinómica entre o facto de o produto ser complexo, mas não construído no âmbito da língua inglesa, porque importado e de matriz erudita (*ornament*), e a natureza construída à luz dos padrões actuais da morfologia britânica de uma palavra, no caso derivada (*development*).

(iii) O processamento morfológico e semântico das palavras portadoras de afixos de tipo I é diverso do das palavras portadoras de afixos de tipo II (cf. Cho 2007), na medida em que aquelas são mais opacas e mais singulares e estas mais transparentes e por isso percebidas como mais padronizadas.

Estudos experimentais realizados por psicólogos e por psicolinguistas revelam a existência de uma dicotomia em termos de processamento — holístico vs (de)composicional — em correlação com as propriedades das unidades sufixais. No que diz respeito especificamente ao inglês, Vannest, Polk & Lewis (2005) e Cho (2007) evidenciam essa dualidade em relação às duas classes de sufixos, a saber:

(i). Sufixos acentualmente neutros, que [ou quando, dizemos nós] não alteram propriedades acentuais e rítmicas, como *-able*, *-ment*, *-ness* (**sufixos# Classe II**)

(ii). Sufixos acentualmente não neutros, que alteram as propriedades acentuais do produto, como *-ation*, *-ion*, *-ity* (**sufixos+ Classe I**)

Estes resultados estão validados por estudos realizados com crianças, em fase etária crucial, como se observa em Jarmulowicz 2002 e 2006. Os produtos portadores de sufixos de Classe I, porque morfológicamente mais opacos, são processados de forma mais holística, realidade a que não será alheia a sua forte matriz latina, espelhada na sua actual estrutura morfológica; o inverso ocorre com os produtos portadores de sufixos # de Classe II.

É pouco convincente a explicação de Selkirk (1982) para o duplo comportamento dos sufixos *-able*, *-ize* e *-ment* do inglês, nomeadamente quanto ao facto de violarem o princípio de “Affix Ordering Generalization”³, pois sustentada num mecanismo *ad hoc*

³ Recorde-se que, de acordo com este princípio, os sufixos de Classe II podem ocorrer na fronteira exterior aos afixos de Classe I, como em *-ous_Iness_{II}* (*dangerousness*), *-ity_Iless_{II}* (*activityless*), mas os afixos de Classe I não podem ocorrer na fronteira exterior aos de Classe II, como a agramaticalidade de **ness_{II}ous_I* (**tendernessous*) e de **less_{II}ity_I* (**fearlessness*) comprova.

de reanálise (de palavras em radicais), cujas motivações e condições específicas de aplicação não são clarificadas. Assim, quando *-al* adjectivalizador (Classe I) se combina com bases já portadoras de sufixos de Classe II, como *-ment* (*ornamental*, *developmental*), ou quando *-ation* e *-ity* (Classe I) aparecem na periferia direita de palavras portadoras de sufixos de Classe I, como *-ize* ou *-able* (*standardization*, *analyzability*), a autora sugere que as bases a que se anexam *-al*, *-ation* e *-ity* são reanalisadas não como palavras mas como “derived roots”. Para justificar o facto de a estrutura acentual não se alterar, considera a autora, sem apresentar argumentos, que «When reanalyzed as roots, they retain that same stress pattern and thus continue to display it when subsequently combined with affixes such as *-al* and *-ity*». (Selkirk 1982: 105).

Na tentativa de superar a dicotomia de afixos baseada na natureza de “Root/Word” da base, a autora sugere a possibilidade de um afixo ser marcado por um traço diacrítico do tipo [\pm Latinate] e de subcategorizar as bases com que se combina em função do traço [+Lat], [-Lat] ou [\pm Lat] desta (Selkirk 1982: 112-119). Um tal enquadramento permite explicar o duplo estatuto dos afixos sob escopo, pois um afixo de Classe I, marcado com o traço [+Lat], subcategoriza bases de tipo [+Lat] (*monstrous_Iity_I*), mas não bases com sufixos de Classe II (**fearless_{II}ity_I*), marcados como [-Lat]. Por seu turno, os afixos de Classe II podem combinar-se com bases monomorfémicas ou com bases que contêm afixos de Classe I (*monstrous_Iness_{II}*) ou de Classe II (*fearless_{II}ness_{II}*).

Na senda destes autores, que de forma mais ou menos tímida preconizam a existência de alguns sufixos homófonos (de classes I e II), Zamma (2005), em *Dual Membership Suffixes in English* torna explícita a existência de vários afixos com duplo comportamento, e que portanto se integram nas classes I e II: *-able/ible*, *-ize*, *-er/or*, *-ist*, *-ism*, *-ment*, *-ite*, *-age*, *-ure*.

O autor parte da caracterização destas classes já antes consagrada, tomando em linha de conta os seguintes critérios: natureza das bases com que se combinam, comportamento acentual que exibem, (des)respeito pela “Affix Ordering Generalization’.

No Quadro 3 sumarizam-se as características essenciais de cada uma das classes de afixos.

Quadro 3. Propriedades das bases e dos sufixos de Classe I e II (Zamma 2005).

	Classe I	Classe II
	-en, -ate, -ion, -y, -ic-, -al (adj.)	-ness, -less, -ly, -al (n.)
. Morfologia da base	Radicais presos (bound roots)	Palavras autónomas (words)
. Propriedades acentuais	Alteração do acento: criação de novo domínio acentual	Preservação do acento ou Neutralidade acentual
. Ressilabificação	Ressilabificação	Não rersilabificação
. Ordenação afixal	Não podem acoplar-se a (à direita de) afixos de Classe II	Podem acoplar-se a (à direita de) afixos de Classe I

Das demais propriedades mencionadas, salientamos duas outras cujo alcance teria sido interessante averiguar: a alegada transparência/opacidade semântica do sufixo e a sua produtividade. Zamma parte da seguinte premissa (Quadro 4):

Quadro 4. Graus de transparência e de produtividade nos sufixos de Classe I e II

	Classe I	Classe II
Transparência ou opacidade semântica	Opacidade	Transparência
Produtividade	Não produtividade	Produtividade

O autor verifica que os sufixos *-able/ible*, *-ize*, *-er/or*, *-ist*, *-ism*, *-ment*, *-ite*, *-age*, *-ure* podem combinar-se quer com radicais, quer com palavras autónomas.

Sob o ponto de vista acentual, há duas situações a distinguir: uma em que o sufixo se combina com palavras, e outra quando este se combina com radicais.

Quando o sufixo se combina com radicais, é respeitada a regra geral da acentuação em inglês, segundo a qual o acento recai sobre a sílaba que precede o sufixo quando esta é longa/pesada⁴ (*exegétist*, *latifúndist*; *romántism*, *transvéstism*; *antipágment*, *atónement*, *epáulement*, *estrépelement*), e na segunda sílaba antes do sufixo quando a precedente é breve/leve (*antágonist*, *funámbulist*, *inóculist*; *antígmatism*, *diábolism*, *unánimism*; *addítament*, *delírament*, *emólument*, *expéri-*

⁴ Reproduz-se aqui a notação acentual de Zamma 2005.

ment). Nestes casos respeitam-se os princípios de Strong Retraction e de Weak Retraction enunciados por Liberman and Prince (1977).

Já quando o sufixo se combina com palavras, verifica-se sempre a preservação do lugar do acento da respectiva base (*stress preservation effect*), mesmo que tal represente uma violação da regra geral da acentuação em inglês.

Vários exemplos atestam que assim é, pois o acento encontra-se a três (ou mesmo quatro) sílabas do sufixo (2):

- (2) -able: ˈchallengeable, ˈcomfortable, reˈcoverable, ˈrecognizable
 -er: ˈnecromancer, exˈperimenter
 -ism: ˈabsolutism, ˈcapitalism, ˈimmanentism
 -ist: ˈmanicurist, ˈminimalist
 -ite: ˈSamuelite, ˈWilliamite
 -ize: aˈmericanize, cosmoˈpolitanize, ˈdocumentize
 -ment : esˈtablishment, ˈgovernment, ˈmanagement

No caso dos verbos em *-ize* que não têm por base palavras autónomas, verifica-se grande oscilação — e de difícil justificação — na posição do acento: o acento recai duas sílabas antes do sufixo quando a sílaba precedente é leve (*ˈminimize*, *ˈmechanize*, *ˈegotize*, *ˈbotanize*, *ˈhypóthesize*, *ˈmésmerize*); mas casos há em que a sílaba precedente é pesada, e a variação acentual permite que o acento recaia não apenas na sílaba anterior (*aggráˈndize*, *amóˈrtize*, *elécˈtrize*, *etérˈnize*, *gigáˈntize*, *hibérˈnize*), mas também duas sílabas à esquerda do sufixo (*árchaˈize*, *éxorcˈize*, *fráˈternize*, *Hébraˈize*, *quáˈternize*, *récognˈize*). Neste caso, para o qual o autor não propõe quaisquer explicações, limita-se a sustentar que o lugar do acento não pode ser determinado pelo sufixo, que se comporta como acentualmente neutro.

Face ao exposto, podemos concluir que em inglês muitos sufixos têm um comportamento bivalente, seja sob o ponto de vista acentual, seja no que concerne às classes morfológicas das bases com que se combinam. Em todo o caso, existe uma correlação entre a capacidade de determinar, ou não, alteração da posição do acento, e a natureza

morfológica da base, mais precisamente, o facto de esta ser uma palavra autónoma, ou um radical preso.

3 – Classes de sufixos em português

Nesta secção propomo-nos avaliar em que medida os critérios que presidem à dicotomia de classes afixais, mesmo que na versão revista de “Dual Membership Suffixes”, se revelam apropriados para a língua portuguesa, e ponderar quais os mais adequados neste caso, tendo em conta (e em vista) o modo como os falantes usam tais classes afixais no âmbito do processamento morfológico das unidades lexicais.

3.1 – Propriedades etimológicas

Em português, a par com os numerosos sufixos de origem greco-latina, existem alguns de origem visigótica (Piel 1942), que estão na base de nomes patronímicos em *-es* (Bernardo > *Bernardes*, Fernando > *Fernandes*; Henrique > *Henriques*, Rodrigo > *Rodrigues*), que originariamente equivaliam a ‘filho de N’, e de nomes toponímicos em *-ães*, como *Escapães*, *Pedações*, *Segadães*, entre outros.

Todavia, e não obstante até ao século XII os antropónimos visigóticos dominarem o antigo onomástico português, a influência do léxico germânico na língua portuguesa é diminuta quando comparada com a do léxico árabe, que representa cerca de 10% do léxico da nossa língua, e com o imenso volume do legado greco-latino.

Pelos exemplos de germanismos apontados, verifica-se que os sufixos mais representativos formam palavras paroxítonas em *-es* ou palavras oxítonas em *-ães*. Sendo estes, e por esta ordem, os conjuntos mais significativos de unidades do nosso léxico, no que à sua estrutura acentual diz respeito, tais sufixos em nada divergem dos demais tipos de sufixos com origem diversa actuantes na nossa língua. O comportamento de uns e de outros não difere substancialmente em função da sua matriz etimológica.

Por conseguinte, em português a origem dos sufixos não se revela capaz de sustentar diferentes classes tipológicas, nomeadamente quando articulada com o comportamento acentual dos mesmos. Em inglês os sufixos de origem anglo-saxónica são de Classe II.

3.2 – Estrutura morfológica (simples/complexa) da base

Tal como em inglês, também em português o carácter simples ou complexo das bases não é relevante para a distinção de classes afixais, pois em muitos casos um mesmo sufixo pode combinar-se com bases simples ou com bases derivadas, como se observa através dos seguintes dados (Quadro 5).

Quadro 5. Estrutura morfológica (simples/complexa) da base

Sufixos	Bases simples	Bases derivadas
-idade	facilidade	amabilidade, combatividade, familiaridade perigosidade, periodicidade
-eza	dureza, pobreza	sisudeza
-ez	solidez, timidez	honradez
-ice	tolice, velhice	chinesice, estrangeirice gabarolice, teimosice
-ia	alegria, rebeldia	ousadia, teimosia
-ismo	laicismo, vedetismo	classicismo, francesismo, parlamentarismo, preciosismo, provincianismo, rotativismo, termalismo

3.3 – Classe morfológica da base

Sufixos há que tomam por base classes morfológicas diferentes, sejam radicais e/ou temas presos, temas \emptyset , ou palavras autónomas.

Só na sufixação deverbal o mesmo sufixo se combina com radicais e com temas (Quadro 6). Neste caso a selecção de palavra como base está vedada (*).

Quadro 6. Classe morfológica da base de produtos deverbais

Base → Produto	Base: Tema	Base: Radical	Base: Palavra
V → A	[puní] vel [regula] dor/a	[respond] ão [intruj] ão [chup] ista [execut] ivo/a	*
V → N	[educa] ção [rendi] ção [lava] gem [envolvi] mento	[facilit] ismo [intruj] ice [tropeç] ão [zomb] aria	*

Mas, como veremos, a natureza morfológica da base não assume carácter inequivocamente diferenciador dos sufixos ou dos produtos, nomeadamente quanto às propriedades acentuais deste. São essencialmente as propriedades de natureza acentual de cada sufixo que

os distinguem entre si. Por exemplo, se o sufixo é *-ão*, o produto tem sempre a mesma estrutura prosódica, quer a base seja um radical preso (*casacão, respondão*) ou um tema \emptyset (*azulão, calorão*). Se o sufixo é *-ic-* adjectivalizador denominal, o produto tem sempre a mesma estrutura prosódica, independentemente de a base ser um radical preso (*balsâmico, telefónico*) ou um tema \emptyset (*bemólico, calórico*). O mesmo se aplica a qualquer outro sufixo.

Em todos os demais casos de formação isocategorial e heterocategorial (Quadro 7), de sufixação deadjectival e denominal e ainda de formação de verbos, a base é predominantemente um radical. Como as bases de tema \emptyset coincidem com palavras, também estas estão na origem de alguns derivados.

Quadro 7. Classe morfológica da base de produtos não deverbais ⁵

N → A		A → N	
Base: Radical	Base: Palavra/Tema \emptyset	Base: Radical	Base: Palavra/Tema \emptyset
[ambient] al [club] ista [aventur] eiro/a [metod] ico/a [rug] oso/a	[robot] ico/a [alcohol] ico/a [ritual] ista [czar] ista [autor] al	[pacat] ez [velh] ice [seren] idade [despot] ismo	[aprendiz] agem [legal] idade [legal] ismo [real] eza

N → N		N → V	
Base: Radical	Base: Palavra/Tema \emptyset	Base: Radical	Base: Palavra/Tema \emptyset
[caix] ote [cere]eira [cord] ame [gent] inha [laranj]ada [mes] ada [oliv]al [tub] agem [vassal]agem	[calor] (z) ão [calor] eira [flor] (z) inha [mulher] io [papel] (z) ito [papel] ada [papel] aria [raiz]ame [rigor] ismo	[exempl] ificar [frut] ificar [got] ejar [valor] izar	[calor] ificar [flor] escer
		A → V	
		Base: Radical	Base: Palavra/Tema \emptyset
		[imun] izar [obscur] ecer [solid] ificar [clar] ear	[igual] izar [regional] izar [militar] izar

V → V		A → V	
Base: Radical	Base: Palavra/Tema \emptyset	Base: Radical	Base: Palavra/Tema \emptyset
[salt] itar [escrev] inhar [ferv] ilhar [mord] iscar	[saltar] icar [mexer] icar [cantar] olar [saltar] ilhar	[fugid] io/a [sumid] iço/a [gord] ito/a [baix] ote/a	[azul] (z) inho/a

⁵ As palavras apresentam-se na sua forma de citação, e não desprovidas de constituinte temático, quando existente.

Lugar específico ocupa a formação de palavras que toma por base palavras que coincidem com temas autónomos (em -a, -o, -e), palavras de tema \emptyset ou palavras atemáticas.

Só na formação de advérbios em *-mente* e na formação de palavras com *-z*-sufixos a base pode ser flexionada ([*azui*] *zinhos*, [*lençoi*] *zinhos*, [*papei*] *zinhos*, [*pãe*] *zinhos*, [*limõe*] *zinhos*) e/ou ser marcada quanto ao género: [*avô*] *zinho*, [*avó*] *zinha*, [*boa*] *zinha*, *boa-mente*, *rigorosa-mente*. Estes processos de formação de palavras caracterizam-se por um comportamento acentual diferente dos demais, com criação de um novo domínio acentual e preservação do anterior, pelo que se aproximam da esfera da composição.

Na Classe dos *-z*-sufixos incluem-se não apenas os *-z*-avaliativos (*lagoazita*, *pobrezinho* *rusgazinha*, *truquezeco*), mas todos os demais *-z*-sufixos, como *-z-al* (*capinzal*), *-z-eir-* (*romanzeira*), *-z-ada* (*maçãzada*), *-z-ice* (*chonezice*), cujo segmento inicial é sempre preenchido por vogal (*comezaina*, *fartazana*).

Os *-z*-sufixos operam sobre bases de todo o tipo, sejam de tema \emptyset ou atemáticas, sejam de tema em -o, -a, -e, flexionadas ou não (*jornaizitos*, *melõezinhos*), preservando a estrutura rítmico-prosódica destas. Com efeito, a opção pelos *-z*-sufixos, porque facilita enormemente o reconhecimento morfológico, acentual e semântico da base, serve propósitos de eficácia em termos de processamento da informação. Mas neste âmbito, temos de distinguir as circunstâncias em que a opção por um *-z*-sufixo é impositiva (*cafezal*, *chazeiro*, *mãozota*, *sozinho*), e em que é facultativa (*flor(z)inha*, *papel(z)inho*, *colher(z)inha*, *jantar(z)inho*, *jornal(z)ito*, *lagriminha* e *lagrimazinha*).

Como em anteriores estudos sobre o português já foi amplamente analisado (Rio-Torto 1993: 349-355 e 1999-2000), as condições em que é impositiva a configuração *-z*-sufixal são determinadas pela estrutura temática e acentual da base, e nomeadamente também pela estrutura silábica desta, quando estão envolvidas palavras de três e mais sílabas, as menos prototípicas.

As palavras atemáticas, monossilábicas (*pazada*, *solzaço*, *mauzote*, *sozinho*), oxítonas (*cafezal*, *maracujazeiro*, *sarauzote*, *trenozinho*) e terminadas em nasal (*maçãzada*, *capinzal*, *pãozeiro*, *romãzeira*, *irmãozice*, *afãzismo*, *febrãozão*, *mãozota*, *orfãzinha*) constituem condicionantes formais que determinam a adjunção de *-z-*, seja na

formação de -z-avaliativos, seja na formação dos demais produtos -z-sufixados ⁶.

No que diz respeito ao número de sílabas, verifica-se que quanto maior é a extensão da palavra e menos comum esta é, maior a tendência para a adjunção de -z-. A variável número de sílabas, mormente quando se fala de palavras de mais de três sílabas, configura-se determinante no que diz respeito à preferência pela configuração -zinh- (Rio-Torto 1993: 349-355 e 1999-2000: 166-169). A adjunção de -z-avaliativo é, pois, tanto mais impositiva e/ou preferencial quanto maior o número de sílabas, qualquer que seja a natureza da base.

Em relação à estrutura acentual da base, verifica-se uma circunstância singular quando a base é acentuada na sílaba que contém a penúltima vogal do radical. Neste caso duas situações distintas se deparam:

. uma em que o operador é de tipo avaliativo, fazendo-se preceder de -z- (-zinh-, -zit-, -zão, -zec-), como em *abobadazinha*, *astronomozeco*, *sequitozão*, *sequitozinho*;

. outra em que o operador é não avaliativo (v.g. -ada, -al, -eir, -ice, -ismo), em que -z- não é activado, e em que a base seleccionada é o radical da palavra: *aboborada*, *aboboral*, *tamaral*, *nespereira*, *pessegada*, *politiquice*, *despotismo*, *vitimismo* (Rio-Torto 1999-2000: 155-158).

A dispensa da -z-configuração em casos deste tipo deve prender-se com a familiaridade e/ou frequência de exposição a algumas destas bases, factor de difícil aferição, mas que constitui uma variável a não negligenciar nos estudos sobre processamento da língua.

Em teoria, nenhuma base fica excluída da possibilidade de adjunção de -z-sufixo (*sogrinha* e *sograzinha*, *cafeiro* e *cafezeiro*, *solinho* e *solzinho*, *lagriminha* e *lagrimazinha*, *papelinho* e *papelzinho*), ainda que as palavras atemáticas (muitas das quais oxítonas e/ou terminadas em nasal) sejam as mais impositivas na opção por -z-sufixo, seguindo-se-lhes as de tema \emptyset (Rio-Torto, 1999-2000: 171-174) e as de maior

⁶. Sublinhe-se, todavia, que estas tendências se debatem com a existência de excepções, como *maoismo*, *hinduismo*, *peruano*, *parvoíce*, de explicação não linear, a não ser à luz da necessidade de preservar a integridade da base, por forma a esta ser acessível em termos de processamento de informação.

extensão silábica. Mas no cômputo global, a natureza morfológica da base não assume carácter inequivocamente diferenciador do sufixo e do produto, mormente em termos acentuais. Por isso são essencialmente as propriedades de natureza acentual que distinguem una e outros. Se o -z-sufixo é -*zal* ou -*zão*, o produto é oxítono, se se trata de -*zaço*, -*zeiro* ou de -*zinho* o produto é paroxítono, e em ambas as circunstâncias se trata de produtos acentualmente não marcados.

Na medida em que se combinam com palavras autónomas e preservam o acento destas, e se podem acoplar a bases já derivadas, os -z-sufixos aproximam-se dos sufixos de Classe II do inglês. Mas a verdade é que os -z-sufixos também se combinam com palavras flexionadas e não autónomas e imprimem aos derivados um acento principal tipologicamente idêntico ao dos homólogos não -z-sufixados, ou seja, não são acentualmente neutros como os sufixos ingleses de Classe II, aproximando-se mais, do ponto de vista prosódico, dos sufixos de Classe I.

3.4 – Propriedades acentuais

De uma forma ou de outra, os afijos derivacionais interferem na atribuição do acento principal de palavra.

Com base no seu comportamento no que diz respeito ao acento, os sufixos derivacionais dos não verbos podem distribuir-se por três classes (Pereira 1996, 1997 e 1999):

(i) Sufixos com comportamento acentual neutro, como -*ad*, -*an*-, -*eir*-, -*inh*-. As palavras portadoras destes sufixos exibem o acento na última sílaba do radical (*aventureiro*, *caminhada*, *papelaria*, *sopinha*, *toledano*), tal como a base, sendo portanto conformes com o padrão geral da acentuação dos não verbos;

(ii) Sufixos que atraem acento, como -*al*, -*ar*, -*ão*, -*az*, -*ês*, -*ez*, -*ó*. Neste caso os produtos (*beirão*, *bolinhó*, *comarcão*, *consular*, *figueiró*, *francês*, *parlamentar*, *portaló*, *semanal*) apresentam também o acento na última vogal do radical, pelo que apresentam conformidade com o padrão geral da acentuação dos não verbos;

(iii) Sufixos que repelem o acento, como -*ic*-, -*e*-, -*ol*-, -*ul*-. Nestes casos (*alcoólico*, *arteríola*, *férreo*, *térreo*, *nótula*) o acento recai na penúltima sílaba do radical, não obedecendo à regra geral da acentuação dos não verbos.

Uma análise ulterior do comportamento acentual dos sufixos conduziu-nos a uma visão mais circunstanciada (Rio-Torto 2002) das repercussões daquele relativamente aos padrões acentuais mais e menos prototípicos da língua.

À semelhança do que acontece em inglês, também em português, e em função das capacidades acentuais do sufixo, o produto pode apresentar um tipo de estrutura acentual diferente do da base.

A novidade da descrição então proposta (Rio-Torto 2002) reside não na constatação de que o acento do derivado pode recair sobre sílaba diferente da da base, mas na de que o padrão acentual do produto pode ou não, e independentemente dessa deslocação da posição do acento a que a adjunção de um sufixo obriga, ser diferente do da respectiva base.

Os sufixos derivacionais do português são, na sua maioria, não átonos, pelo que dão azo a que se altere a posição do acento principal da base a que se associam. Em consequência, o acento lexical do derivado situa-se na sílaba que contém a última vogal do radical (aqui precedida de ‘): *bebe’deira*, *comici’dade*, *fabu’loso*, *famili’ar*, *far’sante*, *finlan’dês*, *imperi’al*, *inteí’riço*, *laran’jada*, *mantei’gueira*, *pesse’gada*, *porta’ria*, *rapi’dez*. Neste caso, e como o acento recai na última sílaba do radical, diz-se que a palavra tem acento não marcado.

Quando o acento recai em outra sílaba que não a última do radical, a palavra é acentualmente marcada (*camarário*, *cânula*, *fluviário*, *nótula*, *sebáceo*, *térreo*).

Observemos os dados do quadro 8.

Quadro 8. Propriedades acentuais de bases e sufixos

	Sufixos acentualmente neutros: -ada, -eir-, -idade, -ismo, -os-	Sufixos que atraem acento: -ar, -ês, -al, -ez
Base acentualmente marcada	Produto acentualmente não marcado: angu’loso, bebe’deira, celebri’dade, fabu’loso, pesse’gada, optí’mismo, polvo’rada, tama’reira, tonici’dade	Produto acentualmente não marcado: angu’lar, figa’dal, finlan’dês, flaci’dez, pendu’lar, rapi’dez, secu’lar, tropi’cal
Base acentualmente não marcada	Produto acentualmente não marcado: caça’deira, far’sante, huma’nismo, inteí’riço, laran’jada, mantei’gueira, pé’reira, porta’ria, pregui’çoso	Produto acentualmente não marcado: ane’lar, cor’tês, exem’plar, fran’cês, hospita’lar, irlan’dês, medu’lar, sema’nal, sisu’dez

Como estes exemplos atestam, quer a base seja ou não acentualmente marcada, os derivados portadores de sufixos não átonos (sejam neutros sob o ponto de vista acentual, como *-eir-*, *-idade*, *-iç-*, *-os-*, *-ada*, ou atraiam o acento, como *-ar*, *-ês*, *-al*), são acentualmente não marcados, uma vez que o acento recai sobre a sílaba que contém a última vogal do radical. Este padrão acentual é, com efeito, o mais representado em português, como se comprova por exemplos de outros paradigmas derivacionais: *apren'diz*, *empreendi'mento*, *figu'rante*, *rapa'gão*, *regulamenta'ção*, *trabalha'dor*.

Tal como em inglês, existem em português sufixos (veja-se o quadro 8) que alteram a posição do acento relativamente à da base. Mas em português os sufixos que atraem acento não produzem produtos acentualmente marcados. Em inglês a regularidade ou irregularidade na acentuação do derivado não depende, como vimos, da capacidade acentual do sufixo.

Os sufixos átonos, que repelem o acento, são em muito menor número (*-ul-*, *-ic-*, *-vel*), e permitem que o acento de intensidade do produto em que ocorrem esteja colocado na sílaba que imediatamente os precede (*atómico*, *calórico*, *lavável*, *notável*, *nótula*, *poético*).

Ao contrário do que sucede com os sufixos não átonos, com a adjunção de sufixos átonos os produtos apresentam-se como acentualmente marcados, porque acentuados na sílaba que contém a penúltima vogal do radical. Neste caso duas circunstâncias podem ter lugar (cf. Quadro 9): se a base é acentualmente não marcada, porque acentuada na sílaba portadora da última vogal do radical (*ca'lor*, *ci'lindro*, *'nota*, *pa'teta*, *po'eta*, *'signo*), o acento do produto mantém-se na mesma sílaba (*calórico*, *cilíndrico*, *nótula*, *patético*, *poético*, *sígnico*), passando todavia o derivado a ser uma unidade acentualmente marcada, uma vez que o acento recai sobre a sílaba que contém a penúltima vogal do radical. No caso de a base já ser acentualmente marcada (*átomo*, *Ícaro*, *parábola*, *ténis*), e não obstante a posição do acento desta ser afectada pela adjunção do sufixo, o derivado mantém o mesmo tipo de estrutura acentual — o de uma palavra acentualmente marcada, inscrevendo-se todos os produtos na classe dos proparoxítonos (*atómico*, *icárico*, *parabólico*, *tenístico*).

Quadro 9. (Des)coincidência do acento na base e no derivado

	Sufixos átonos (acentualmente marcados)	(des)coincidência do lugar do acento na base e no produto
Base acentualmente marcada	Produto acentualmente marcado: atômico, icárico, parabólico, tenístico	O acento do produto não coincide com o acento da base
Base acentualmente não marcada	Produto acentualmente não marcado: calórico, cilíndrico, nóttula, patético, poético, signico	O acento do produto coincide com o acento da base

Neste quadro considerámos apenas o sufixo *-ic-*, por ser o único inequivocamente disponível na língua contemporânea. Mas o mesmo se aplica a nomes e adjectivos portadores de *-e-* (*apolíneo*, *faríngeo*, *férreo*, *fosfóreo*, *laríngeo*, *ósseo*, *térreo*, *purpúreo*), de *-áce-* (*argiláceo*, *fermentáceo*, *opiáceo*, *vinháceo*) e de *-ul-* (*cânula*, *glóbulo*, *nóttula*, *óttulo*), certamente sentidos como eruditismos de padrão morfológico culto e/ou importados do latim.

Pelos dados compilados, podemos concluir que a natureza acentualmente marcada ou não do sufixo é determinante da natureza prosodicamente marcada, ou não, do produto. Mais precisamente, apenas quando o sufixo é acentualmente marcado o produto também o é.

O quadro 10 esquematiza o exposto.

Quadro 10. Relação entre natureza [±marcada acentualmente] da base e do derivado

sufixo [±átono]	Tipo acentual da base	Tipo acentual do produto
sufixo [-átono]	base [±marcada acentualmente]	Produto [-marcado acentualmente]
sufixo [+átono]	base [±marcada acentualmente]	Produto [+marcado acentualmente]

À luz destes considerandos, faz sentido demarcar duas classes de sufixos, tal como em inglês, sendo que uma é preenchida com os operadores acentualmente marcados, e que igualmente marcam acentualmente os produtos, e os demais, em que tais condições não se verificam. Todavia, ao contrário do que ocorre naquela língua, em português os sufixos acentualmente não marcados (*-eir-*, *-ada*) não são *stress neutral*, no sentido em que não preservam (isto é, alteram) o lugar do acento da base no derivado. Em português um sufixo portador de acento e que, portanto, desencadeia alteração do lugar do acento,

não dá origem a produtos acentualmente marcados, mas a produtos acentualmente não marcados.

Acresce que a observação dos dados e dos quadros anteriores não revela a totalidade dos comportamentos associados à actuação de tais sufixos acentualmente não marcados, bem como algumas das circunstâncias psicolinguisticamente mais salientes que envolvem o processamento dos derivados sufixados. Estou a pensar na possibilidade de o padrão acentual de uma palavra sufixada se alterar em função de coordenadas flexionais e ainda na possibilidade de os padrões rítmico-acentuais da língua terem algum papel na percepção, na padronização e no processamento dos comportamentos sufixais.

3.5 – Propriedades rítmico-acentuais

É extensa a bibliografia e a discussão sobre a natureza prosódica e/ou rítmica dos padrões acentuais do português (Pereira 1999, Seung-Hwa 2006). Dos vários autores que sublinham a importância do ritmo nos padrões prosódicos da língua, destaca-se Bisol 2000: 248, que afirma que o troqueu silábico «vem sendo percebido como um dos elementos básicos da língua». Com efeito, a maior parte das palavras apresenta uma estrutura trocaica, seguindo-se-lhe as palavras de estrutura iâmbica e finalmente as de estrutura dáctila.

Tendo em conta esta realidade, formulamos as seguintes hipóteses, a serem sujeitas a validação em trabalho experimental:

(i) Os falantes não são alheios aos padrões acentuais e rítmicos da sua língua materna.

(ii) O reconhecimento do grau de prototipicidade rítmico-acentual das palavras faz-se tendo em conta esse conhecimento implícito.

À luz desta premissas, e tendo presente que em português o padrão rítmico-acentual mais usual é o trocaico, seguido do iâmbico e mais atipicamente do dáctilo, importa averiguar em que medida tais hipóteses se reflectem na percepção do comportamento dos sufixos de que nos temos vindo a ocupar. Nesta linha de pensamento, os sufixos seriam distribuídos por três classes (cf. Quadro 11), em função das propriedades rítmicas que imprimem às palavras ou em que ocorrem. Mais concretamente, importa apurar se há fundamento para tal organização dos sufixos. Observemos então os dados compilados no quadro 11.

Quadro 11. Propriedades rítmico-prosódicas dos sufixos e seus derivados

Escala de Prototipicidade

máxima < ————— > mínima

Palavras paroxítonas e sufixos	Palavras oxítonas e sufixos	Palavras proparoxítonas e sufixos
Ritmo troqueu	Ritmo iâmbico	Ritmo dáctilo
-mento (ordenamento)	-ção (arrumação)	-ico (autárquico, calórico)
-nte (relevante)	-idão (escuridão)	-e- (ósseo, térreo)
-idade (comicidade)	-al (infernai, trigal, dedal, caniçal, laranjal)	-ári- (empresário, noticiário, reptilário)
-eza (beleza)	-il (senhoril, touril)	-áce- (argiláceo, opiáceo)
-ismo (alarmismo)	-el (saquitel)	-íci- (adventício)
-ista (perfumista)	-ol (espanhol, tintol)	-ície- (calvície, imundície)
-ice (palermeice, meiguice)	-éu (lebréu, ilhéu)	-ância (beligerância)
-ia (sabedoria, cidadania)	-ão _[N] (empurrão, tropeção)	-ência (pendência)
-eza (fraqueza, crueza)	-ó (bolinhó, portaló)	-ol- (arteríola)
-agem (gatonagem)		-ul- (nótula, trémulo)
-eiro (açucareiro, tinteiro)		-óri- (consultório, velório)
-eira (cegueira, dedeira, laranjeira)		
-agem (gatonagem, pelagem)		
-aria (livraria, tinturaria)		
-i- (algarvio/a, pousio)		
-iv- (ilustrativo, fugitivo)		
-ada (abrilada, cabeçada, cebolada, dedada, passarada)		
-edo (passaredo)		
-ato (internato, generalato)		
-ado (consulado)		
-deira (lavadeira, passadeira)		
-douro (ancoradouro)		
-os- (invernoso/a)		
-ent- (samento/a)		
-an- (peruano/a, gregoriano/a)		
-vel (adorável, punível)		
	-dora _[masc] (arrumadora, roedora, sabedora)	-dor (aparador, arrumador, sabedor, roedor)
	-ona _[masc] (solteirona)	-ão _[Adj] (solteirão)
	-esa _[masc] (genovesa)	-ês (genovês)
	-ares _[+pl] (escolares)	-ar (escolar)
	-azes _[+pl] (fugazes)	-az (fugaz, mordaz, estouraz)
	-ezas _[+pl] (profundezas)	-ez (gravidez, rapidez)

A observação dos dados contidos neste quadro permite concluir que:

(i) são efectivamente maioritários — e muitos outros se poderiam acrescentar na coluna da esquerda —, os sufixos portadores de acento e que produzem palavras acentualmente graves (padrão trocaico), pelo que é o este o padrão mais prototípico da língua também em termos derivacionais.

(ii) os sufixos portadores de acento e que atraem acento (coluna central) produzem nomes e adjectivos acentualmente não marcados, sendo que alguns apresentam padrão iâmbico e outros, no feminino (*-dora*, *-ona*, *-esa*) e/ou no plural (*-ares*, *-azes*, *-ez(as)*) apresentam padrão trocaico, contribuindo para uma maior homogeneização rítmica da língua também no âmbito derivacional.

(iii) os sufixos que repelem o acento, sendo acentualmente os mais marcados (coluna da direita), são também os que produzem palavras de padrão rítmico menos prototípico: o dáctilo⁷.

A escala de protitipicidade acima delineada parece, pois, ter fundamento rítmico-acentual e estar em conformidade com os padrões morfo-prosódicos interiorizados dos falantes de português língua materna. Se assumirmos que as palavras de ritmo trocaico são rítmicamente neutras, as de ritmo dáctilo serão as menos neutras, encontrando-se a meio da escala as de ritmo iâmbico (Quadro 11).

Uma variável ainda não tida em conta — o grau de frequência de utilização e de representatividade de um sufixo — deve ser chamada à colação para que a realidade de uso dos sufixos *-vel* e *-ic-* seja devidamente contemplada.

O sufixo *-ic-*, não obstante ser um sufixo acentualmente marcado, porque repele acento e forma palavras acentualmente também marcadas (palavras esdrúxulas), não pode ser considerado em pé de igualdade com outros sufixos com idênticas propriedades, como *-e-*

⁷ Se considerarmos a possibilidade de nestes derivados *-io* e *-eo* serem pronunciados como ditongo, então os produtos não são palavras proparoxítonas, mas paroxítonas, cabendo dentro do padrão rítmico-prosódico mais prototípico da língua.

ou *-ul-*. Estes dois formam ou estão presentes em palavras tipicamente eruditas e, como tal, sentidas como lexicalmente marcadas. É provável que o processamento de muitas destas seja mais holístico que decomposicional, se é que muitas não são percebidas como não complexas. Seria útil averiguar em que medida *glóbulo*, *óvulo* ou *térreo* e *férreo* são consideradas como morfologicamente complexas ou se, pelo contrário, a sua opacidade morfológica e semântica apaga a percepção da sua estrutura interna efectivamente compósita.

O sufixo *-vel*, muito disponível e produtivo na língua, tem um comportamento muito singular, que merece ser tido em conta.

Trata-se de um sufixo adjectivalizador que toma por base temas verbais e que repele acento. As palavras portadoras deste sufixo não exibem o acento na última sílaba do radical, mas na penúltima (la'vável pu'nível, te'mível), pelo que não estão conformes com o padrão geral da acentuação dos não verbos (são, sob o ponto de vista morfofonológico, acentualmente [+marcadas]). Trata-se, contudo, de palavras graves/paroxítonas, que exibem ritmo trocaico, inserindo-se, por isso, sob o ponto de vista rítmico-prosódico, no padrão mais prototípico da língua. Pelas razões expostas, se à luz das propriedades acentuais o sufixo e os produtos seriam [+marcado], à luz do padrão rítmico dos produtos em que ocorre, à luz da sua imensa produtividade e à luz da notória transparência morfológica e semântica dos seus derivados, não podem deixar de ser considerados como [-marcado].

Ou seja, verifica-se aqui uma discrepância entre padrão acentual do sufixo [+marcado] e do produto e padrão rítmico deste. O sufixo *-vel* gera produtos morfo-acentualmente marcados (o acento recai não na última, mas na penúltima vogal do radical), mas as palavras morfofonologicamente marcadas em que ocorre são ritmicamente neutras ou prototípicas (paroxítonas, ritmo troqueu).

4 – Conclusão

Com base nos dados do inglês e do português, e nos critérios que presidem à tipologia dos sufixos destas línguas, estamos em condições de traçar algumas linhas-mestras dos mesmos.

(i) Em inglês a dualidade tipológica dos sufixos de Classe I e II tem uma forte correlação com a origem etimológica de uns e outros, na medida em que os sufixos de origem anglo-saxónica se inscrevem na Classe II de operadores. Os sufixos de origem latina integram-se em ambas as classes, em função de propriedades de outra ordem (2.1.).

Pelo contrário, em português a origem dos sufixos (greco-latina ou visigótica) não é relevante sob o ponto de vista tipológico, pois os sufixos de ambas as origens se inscrevem em qualquer uma das duas classes rítmico-prosódicas de que a língua dispõe (3.1.).

(ii) No que diz respeito à classe morfológica da base (3.3.), em inglês existem sufixos que se combinam apenas com palavras e outros que o fazem com radicais e com palavras. Também em português existem sufixos (-*mente*, -z-sufixos) que se combinam apenas com palavras e também um mesmo sufixo pode acoplar-se a diferentes classes morfológicas de base: radicais e temas presos, no caso dos deverbais; temas nominais/adjectivais e temas \emptyset , no caso dos não deverbais. Em inglês, os sufixos que se agregam a palavras preservam a estrutura acentual destas. Em português -*mente* e os -z-sufixos criam um novo domínio acentual, ainda que mantendo o da base, o que aliás aproxima este processo de formação de palavras da composição. Mas o certo é que os -z-sufixos imprimem aos derivados um acento principal tipologicamente idêntico ao dos homólogos não-z-sufixados, pelo que não são acentualmente neutros como os sufixos ingleses de Classe II, aproximando-se nesse aspecto dos sufixos de Classe I.

(iii) Em português, não é diverso o comportamento prosódico dos operadores derivacionais consoante estão em jogo sufixos ou -z-sufixos correlatos, pelo que a configuração $\pm z$ -sufixada não desempenha papel crucial na diferenciação tipológica dos sufixos do português.

(iv) Não obstante as condicionantes do acento em inglês se basearem em coordenadas diferentes das que presidem à posição do acento em português, o comportamento acentual dos sufixos e dos derivados revela-se medular na tipologia dos sufixos em ambas as línguas.

Tal como em inglês, existem em português sufixos que alteram a posição do acento relativamente à da base. Mas em português os sufixos que atraem acento não produzem produtos acentualmente marcados. Em inglês a regularidade ou irregularidade na acentuação do derivado não depende da capacidade acentual do sufixo (cf. 2.2.).

À luz destes considerandos, faz sentido demarcar em português duas classes de sufixos, tal como em inglês, sendo que uma é preenchida com os operadores acentualmente marcados, e que igualmente marcam acentualmente os produtos, e os demais, em que tais condições não se verificam. Todavia, ao contrário do que ocorre em inglês, em português os sufixos acentualmente não marcados (-*eir*, -*ada*) não são *stress neutral*, no sentido em que não preservam (isto é, alteram) o lugar do acento da base no derivado. Em português um sufixo portador de acento e que, portanto, desencadeia alteração do lugar do acento, não dá origem a produtos acentualmente marcados, mas a produtos acentualmente não marcados. O Quadro 12 sintetiza esta realidade. Esta circunstância prende-se com o facto de a estrutura rítmico-prosódica do acento em português ser fortemente condicionada por factores morfológicos, pois nos não verbos o acento recai tipicamente (em situações não marcadas) na última sílaba do radical, seja simples ou derivado/sufixado.

Quadro 12. Classes de sufixos em inglês e em português

INGLÊS		PORTUGUÊS	
Sufixo: capacidade de alterar a estrutura acentual da base	Bases e derivados portadores de sufixos	Sufixo: capacidade de produzir derivados acentualmente [±marcados]	Bases e derivados portadores de sufixos
Sufixos Classe I: Sufixos acentualmente marcados (não neutros) > alteram estrutura acentual da base	. Sufixos Classe I Bases: 'roots, words' Opacidade e apreensão mais holística do derivado	Sufixos [+átonos] ou Acentualmente marcados (-áce-, -ári-, -e-, -íci-, -ul-, -ic- ⁸) > derivado [+marcado]: acento na penúltima vogal do radical	. Sufixos [+átonos] Bases: radicais, temas ø Opacidade de derivados [+erudito]
Sufixos Classe II: Sufixos acentualmente não marcados (neutros: preservam acento da base) > não alteram estrutura acentual da base	. Sufixos Classe II Bases: 'words' (De)composicionalidade transparência do derivado; produtividade	Sufixos [-átonos] ou Acentualmente não marcados > derivado [-marcado]: acento na última vogal do radical	. Sufixos [-átonos] Bases: radicais, tema ø (De)composicionalidade e transparência do derivado

(v) Tal como em inglês, alguns sufixos do português possuem propriedades nem sempre exclusivamente prototípicas de uma só classe sufixal. Por exemplo, o sufixo *-vel* faz parte da classe dos sufixos acentualmente marcados, já que o acento dos derivados que forma recai não na última, mas na penúltima sílaba do radical. Todavia, os

⁸ O sufixo *-ic-* configura um caso dual, pois trata-se de um sufixo átono, que repele acento, e que forma produtos morfo-acentualmente [+marcado], porque o acento não recai na última vogal do radical, mas sim na penúltima (palavra paroxítona). Todavia, sob o ponto de vista da sua transparência morfo-semântica e da facilidade de acesso e de processamento lexical, é completamente prototípico, ao contrário dos demais sufixos átonos

derivados em *-vel* inscrevem-se no padrão rítmico mais representado do português, o trocaico, presente nas numerosas palavras paroxítonas da língua (3.5.), pelo que é de admitir que os adjectivos e nomes portadores deste sufixo sejam processados como os mais prototípicos e regulares, morfológica e semanticamente, até porque de estruturas pouco ou nada opacas se trata. Também o sufixo *-ic-* e os *-z*-sufixos exibem alguma dualidade comportamental.

(vi) Existe, pois, notório paralelismo entre duas grandes classes, a dos sufixos portugueses átonos, acentualmente mais marcados, e presentes em produtos mais opacos (muitos dos quais de matriz erudita), e os sufixos de classe I do inglês, ainda que sejam diferentes as propriedades que diferenciam um sufixo acentualmente marcado em português e em inglês. De salientar que as palavras portadoras de sufixos marcados (Classe I em inglês e sufixos átonos/que repelem acento em português) são de acesso e de processamento menos transparente, porque apresentam uma estrutura mais atípica e mais opaca. A excepção, em português, é corporizada por *-ic-*. Por outro lado, é também possível estabelecer um paralelismo entre os sufixos portugueses acentualmente não marcados e os ingleses de classe II. A grande diferença é que estes só se combinam com palavras, e os portugueses podem seleccionar como bases radicais e temas presos, temas \emptyset (Quadros 6, 7 e 11) e também palavras, mas apenas no caso de *-z*-sufixos.

(vii) O facto de um mesmo sufixo inglês ter funcionamento dual, inscrevendo-se por isso nas duas classes sufixais da língua, e de o seu comportamento ser diferente em função da natureza morfológica da base (2.2), evidencia que esta tem também um papel determinante na caracterização acentual do produto. Em português são as propriedades prosódico-accentuais que escoram a distinção tipológica dos sufixos e dos respectivos derivados (3.4. e 3.5.).

(viii) Face ao exposto, podemos concluir que, embora de forma diversa, as propriedades prosódico-accentuais desempenham papel crucial na diferenciação tipológica dos sufixos do português e do inglês, em articulação com as propriedades morfológicas das respectivas bases. Em inglês, a natureza morfológica da base revela-se fundamental para a estrutura prosódica do derivado, na medida em

que se a base é uma palavra, os sufixos, mesmo os que apresentam comportamento dúplice, mantêm as propriedades acentuais daquela. Em português são essencialmente as propriedades prosódicas dos sufixos que determinam a configuração acentual da palavra derivada.

Em relação à língua portuguesa, as repercussões linguísticas, psicolinguísticas, médicas e sociais da aplicação destas considerações aguardam validação experimental junto de falantes portadores de perturbações da linguagem. Esse será um testemunho maior da relevância que as reflexões no âmbito da morfologia da língua podem trazer ao conhecimento e ao desenvolvimento mais criterioso da sociedade.

REFERÊNCIAS

- Aronoff, M. 1976. *Word Formation in Generative Grammar*. Massachusetts: The MIT Press.
- Bilysnka, O. 2007. Romance suffix rivalry of action nouns from middle English verbs in the OE textual prototypes. *Studia Anglica Resoviensia* 4: 25-32.
- Bisol, L. 2000. O troqueu silábico no sistema fonológico (Um Adendo ao Artigo de Plínio Barbosa). D.E.L.T.A. **16 (2)**: 403-413.
- Caplan, D. 1992. *Language: Structure, processing, and disorders*. Cambridge, MA.: The MIT Press.
- Cho, H. M. 2007. Level 1 and Level 2 Affixes in English: Morphological Productivity and SemanticPhonological Transparency. *Modern English Education* **8(2)**: 40-58.
- Festas, I.; Leitão, J.; Formosinho, M.D.; Albuquerque, A.; Martins, C. et al. 2006. Uma bateria de avaliação psicolinguística das afasias e de outras perturbações da linguagem para a população portuguesa. In: C. Machado, L. Almeida, A. Guisande, M. Gonçalves, & V. Ramalho (Orgs.), *Actas da XI Conferência Internacional "Avaliação Psicológica: Formas e Contextos"*. Braga: Psiquilibrios: 719-729.
- Jarmulowicz, L. D., 2002. English Derivational Suffix Frequency and Children's Stress Judgments. *Brain and Language* **81**: 192-204.
- Jarmulowicz, L. D., 2006. School-Aged Children's Phonological Production of Derived English Words. *Journal of Speech and Hearing Disorders* **49**: 294-308.
- Kiparsky, P. 1982. Lexical Phonology and Morphology. *Linguistics in the Morning Calm*. The Linguistics Society of Korea, ed.. Seoul: Hanshin Publishing Co.: 3-91.

- Lieberman, M.; Prince, A. 1977. On Stress and Linguistic Rhythm. *Linguistic Inquiry* **8**: 249-336.
- Martins, C.; Rio-Torto, G.; Festas, I. 2010. Processamento de palavras sufixadas. Desafios da adaptação à língua portuguesa de provas morfológicas da bateria PAL (*Psycholinguistic Assessment of Language*). Comunicação apresentada [secção 4] no 26º Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas (Valência, 6-11 de Setembro de 2010).
- Pereira, I. 1996-1997. O acento de palavra em português: algumas considerações. *Revista Portuguesa de Filologia* **XXI**: 265-285.
- Pereira, I. 1999. *O acento de palavra em português. Uma análise métrica*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Coimbra.
- Piel, J. 1942. *O património visigótico na língua portuguesa*. Coimbra: Instituto Alemão da Universidade.
- Rio-Torto, G. 1993. *Formação de palavras em português. Aspectos da construção de avaliativos*. Dissertação de Doutoramento: Universidade de Coimbra.
- Rio-Torto, G. 1999-2000. Configurações sufixais e -z-sufixais em português. *Revista Portuguesa de Filologia* **XXIII**: 151-182.
- Rio-Torto, G. 2002. Flexão e derivação: simetrias e assimetrias. *Revista Portuguesa de Filologia* **XXIV**: 253-289.
- Siegel, D. (1974), *Topics in English Morphology*. Massachusetts: The MIT Press.
- Seung-Hwa, L. 2006. Teoria da Otimalidade e mudança lingüística - evolução do acento do português. *SCRIPTA*, Belo Horizonte **9(18)**: 45-61.
- Vannest, J.; Polk, T. A.; Lewis, R. L. 2005. Dual-route processing of complex words: new fMRI evidence from derivational suffixation. *Cognitive, Affective, and Behavioral Neuroscience* **5**: 67-76.